

A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista

*Lucilia de Almeida Neves**

Abstract

This paper presents a suggestive trend of communist party members political and ideological identity, through the comparison of activist's reasons to join the party in Minas Gerais, Brazil.

Word key: Communist party of Brazil, political identity

Resumo

Este artigo apresenta uma sugestiva tendência da identidade política e ideológica dos membros do PCB, através da comparação das razões dos militantes do Estado de Minas Gerais, Brasil, para ingresso no partido.

Palavras-chave: Partido Comunista do Brasil; identidade política.

Fonte da imortalidade, a memória é categoria fundamental do ser.

Memória, história e identidade

A memória pode ser identificada como um processo de construção e reconstrução de lembranças nas condições do tempo presente. Tal processo descortina uma vastidão de possibilidades, que contribuem para que o ato de relembrar seja caracterizado como espaço mental das representações. Dessa forma, incluem-se nas potencialidades da memória o reascender de utopias de um tempo anterior, a reconstrução da atmosfera de um outro tempo no tempo presente, o relembrar de convivências mútuas realizadas na dinâmi-

* Historiadora PUC Minas e UFMG (Doutora em Ciência Política pela USP e Mestre em Ciência Política pela UFMG)

ca das histórias individuais e coletivas, o reascender de emoções passadas e a reafirmação de identidades construídas na dinâmica do viver.

Portanto, *a memória, como substrato da identidade, refere-se aos comportamentos e às mentalidades coletivas, na medida em que o relembrar individual encontra-se relacionado à inserção social e histórica de cada indivíduo. A dinâmica constitutiva do processo individual minemônico, é trama sincrônica da existência social e da inserção coletiva passada, constituindo-se como representação da heterogeneidade a partir da singularidade.*

Como processo social ativo, a memória tem como ponto de partida os quadros sociais nos quais se inscrevem as experiências individuais. Dessa forma, as motivações exteriores inúmeras vezes desencadeiam o processo de reordenação e releitura de vestígios, trazendo para o presente motivações e sentimentos que outrora mobilizaram indivíduos, grupos, partidos.

Como suporte da identidade, a memória não é conservação, mas reordenamento, reconstrução de lembranças, pois a dinâmica do tempo interfere no ato do relembrar, transmudando ambos, memória e identidade, em fenômenos dinâmicos, dialéticos e potencialmente renováveis. Dessa forma, os processos constitutivos da identidade contêm em si, simultaneamente, as marcas do passado e do presente .

Como a construção da identidade tem na memória um de seus pilares fundamentais, e como a memória - tal qual a história - é fonte de imortalidade, é possível afirmar-se que tanto o rememorar induzido como o espontâneo são elementos integrantes das identificações sociais e da produção do próprio conhecimento histórico.

Alguns autores, como Nora, identificam a História como produção intelectual do saber e, portanto, como processo cognitivo destruidor da memória espontânea (NORA, 1993). Outros, como Le Goff, afirmam que memória e história alimentam-se mutuamente, chegando mesmo a se confundirem (LE GOFF, 1990) . Na verdade, tanto a memória como a história são antídotos do esquecimento, são suportes das identidades coletivas.

Guarinello afirma, de forma contundente, que *"... a oposição entre memória e história é, em grande parte ao menos, falsa..."* (GUARINELLO, 1994, p.192) e que a história enriquece as representações possíveis da memória coletiva. De fato, memória e história são processos diferentes, mas não opostos. Ambos podem ser identificados como estimuladores recíprocos, contribuindo para que o ser humano, através de sua identificação como sujeito construtor

da história, reconheça-se também como sujeito construtor de seu presente e de seu futuro.

A história, enquanto procedimento epistemológico, fornece símbolos, conceitos e instrumentos para que a sociedade pense a si mesma em sua relação com o passado. Dessa forma, enriquece as representações possíveis da memória coletiva, apesar de retirar-lhe a condição da espontaneidade.

A história oral, ao atuar na produção de documentos que têm como referência simultaneamente o conhecimento de processos históricos específicos e a memória individual dos depoentes, é um espaço vivificador da relação fértil entre a História e a memória. É também um método, um meio para a produção do conhecimento, potencializando uma dupla visão temporal: sobre o passado e sobre o presente no qual o depoimento está sendo colhido.

Como os documentos são produzidos pela interferência do entrevistador, a espontaneidade da memória fica efetivamente prejudicada, mas o processo cognitivo da história ganha em densidade e possibilidades, pois a história oral é um esteio de potencialidades múltiplas, todas enriquecedoras do conhecimento humano.

Paul Thompson indica que uma das mais profundas lições da história oral é a singularidade e a especificidade de cada história de vida (THOMPSON, 1992). Com certeza, através dessas experiências específicas, pode-se resgatar diferentes memórias sob diferentes óticas. Através dos depoimentos orais, diferentes atores sociais podem se manifestar sobre o mesmo processo ou acontecimento. Mas, mais do que isso, cada depoimento colhido é, em si, multifacetado porque humano. Além disso, por ser uma dinâmica complexa, cada entrevista é também evidenciadora da heterogeneidade temporal que caracteriza a vida humana, pois traduz a interseção da experiência individual com o fio da história social.

Quanto à questão da identidade que é central para a análise apresentada no presente texto - a história oral, através da memória de muitos, produz evidências sobre processos históricos, constituindo, portanto, um esteio para o reconhecimento de identidades. Espaço privilegiado para o desenvolvimento de interpretações alternativas às oficiais, a história oral possibilita a expressão de diversificadas representações da realidade.

A identidade traduz um sentimento e uma convicção de pertencimento e vinculação a uma experiência de vida comum. Pode referir-se, por exemplo, a um grupo social específico, uma família, um partido, uma nacionalidade, uma religião. A dinâmica constitutiva da identidade é a da representação, que pode vincular-se

simultaneamente à alteridade e à igualdade. Ou seja, *a identidade é constituída por um mecanismo contrastivo de afirmação das diferenças e de reconhecimento das similitudes.*

A memória é suporte vital da identidade reveladora da pluralidade inata à vida humana. Portanto, História e memória, interrelacionando-se através da produção de fontes orais, são processos cognitivos através dos quais as identidades dos grupos sociais podem ser melhor reconhecidas e, por consequência, analisadas.

Os comunistas mineiros e o mito de origem¹

O presente texto, que recorre à oralidade (memória) como seu fundamento metodológico principal, tem como objetivo contribuir para um melhor entendimento dos elementos constitutivos da identidade comunista no Brasil, no período compreendido pelos últimos setenta anos do presente século. Para alcançar tal intento, privilegiamos a análise de depoimentos de militantes do Partido Comunista Brasileiro prestados ao Programa de História Oral da UFMG.

Tais depoimentos indicam que a identidade comunista referia-se a dois suportes básicos: um, de origem, relativo às razões que provocaram a adesão ao partido; e outro relacionado ao cotidiano de luta da própria militância. Nossa proposta refere-se a uma análise específica das razões que motivaram pessoas de diferentes inserções sociais e regionais a se filiarem ao PCB e de como essa razões contribuíram para a construção de uma identidade grupal sólida.

Na verdade, os depoimentos evidenciam que a razão mais comum de filiação ao partido comunista referia-se a uma proposição visionária de um futuro igualitário e solidário para com a sociedade humana. Um futuro alternativo à ordem estabelecida. As motivações que levaram esses militantes a abraçarem os ideais de igualdade e solidariedade são de diferentes naturezas. Dentre eles, destacam-se a leitura de textos cristãos como a bíblia e a encíclica *Mater et Magistra*, a influência familiar e de amigos e a influência do ambiente. Quanto a este último aspecto destaca-se a experiência dos operários da cidade mineradora de Nova Lima, conhecida como a "Moscou de Minas", em decorrência do elevado número de comunistas da cidade.

¹ O presente texto baseia-se nos depoimentos dos seguintes militantes do PCB: Anélio Marques, Armando Ziller, Dimas Perrin, Evaristo Garcia e José Francisco Neres (Pinheiro) prestados ao Programa de História Oral da UFMG que é financiado pelo CNPq e pela FAPEMIG

O que surpreende, no conjunto de depoimentos analisados, é a evidência de que não era comum uma preparação marxista básica precedendo à filiação ao partido. Os ideais de solidariedade que mobilizaram os militantes foram construídos quase que intuitivamente. Dessa forma, razões emocionais tiveram peso significativo na opção partidária desses militantes. Tais razões os aproximaram, alimentando um sentimento comum de pertencimento a uma causa universal e criando um forte elo de identidade (mito de origem) entre eles.

É interessante notar que, por caminhos diversos, o valor da solidariedade, que motivou a adesão ao partido, fertilizou-se nas mentes e nos corações desses comunistas, tornando-se um eixo central de sua militância cotidiana no PCB. Dessa forma, a marca fundante reproduziu-se, contribuindo para a criação de uma cultura comunista (visão comum de mundo) e reforçando, ao longo de sua trajetória política, a convicção visionária de transformação da realidade social.

Filiação ao PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO: em busca da solidariedade (Cristianismo e Comunismo):

Quanto à adesão à causa comunista através da identificação do marxismo com textos cristãos, destacam-se dois depoimentos, especialmente singulares e significativos. O de Armando Ziller e o de José Francisco Neres (Pinheiro)

Armando Ziller, ativo dirigente do movimento sindical bancário em Minas Gerais e no Brasil, no período do pré 64, era filho de pastor protestante e encontrou o caminho da militância comunista através da identificação das proposições marxistas com o conteúdo do evangelho.

“Eu nunca tinha ouvido falar de Partido Comunista, nem dos líderes, nem dos criadores da idéia do socialismo científico. E pensava até que eu ao escrever pequenos textos, qualquer coisinha, redigidos a partir da leitura da bíblia estava adaptando o cristianismo ao mundo moderno, propondo uma espécie de cristianismo social, de maneira que ninguém tivesse fome, que ninguém passasse dificuldade. Aí eu mos-

trei para um amigo meu e ele disse: - mas isso é comunismo; porque ele já tinha algumas luzes..."

"(...) nós dois nos reunimos e ele começou a me explicar o que era ser comunista. E nós fizemos lá em Itararé, no estado de São Paulo, uma liga de comunistas. Nós fizemos a liga e tocamos o barco. Então eu recebi, talvez por intermédio dele ou de amigos dele o Manifesto Comunista de Karl Marx e Engels. E aquilo provocou em mim a mesma operação por que eu passei quando li o evangelho pela primeira vez.- Aqui, é isto aqui e está acabado. Quanto a Liga nós não sabíamos exatamente o que fazer com ela. Mas estudávamos e discutíamos. Em 1945 quando o partido veio para a legalidade eu já tinha saído de Itararé quinze anos antes e já era vinculado ao partido desde 1932. Já havia me tornado um comunista. Cristão, mas antes de tudo comunista."

José Francisco Neres, operário tecelão que aderiu ao partido em 1961 portanto anos depois de Ziller teve, motivações similares à de seu colega bancário. Entendeu, como ele, que o comunismo era o melhor caminho para a construção de um mundo mais solidário e, portanto, mais justo.

" Eu entrei para o partido por influência da Mater et Magistra. A gente se reunia nos círculos para discutir a questão do terceiro mundo, dos países endividados que ela colocava....e aí pensávamos - Engraçado, ninguém vai mudar o mundo sem uma luta de libertação . Aí a comparação entre a Rerum Novarum, a Mater et Magistra, a Quadragésimo Ano e o marxismo, que eu conhecia só intuitivamente foi inevitável, me fez pensar que o cristianismo tinha que ficar junto com o comunismo. Era uma idéia que eu tinha de que essas duas coisas eram uma só...."

Influência familiar, de amigos e do ambiente:

Outros depoimentos indicam que a influência familiar e de amigos foi fundamental para a vinculação de alguns comunistas históricos ao PCB. Em busca de um caminho que levasse à superação da opressão, encontraram algumas vezes em seus familiares e em outras companheiros a interlocução e intermediação que os levou ao partido comunista.

Sinval Bambirra, operário tecelão e líder sindical em Minas Gerais, teve no pai, o qual identificava como um combatente contra a opressão, a fonte inspiradora de sua adesão à causa comunista.

“ Desde criança eu segui as pegadas de meu paiextraordinário homem...meu pai, meu transmitiu o espírito de combatividade, não aceitava de forma alguma a opressão....”

“ Meu pai era um homem de formação comunista. Formação marxista, uma formação muito sólida, que valorizava a solidariedade...Eu estava sempre com ele, e fui assimilando, assimilando, aquela preocupação dele de como mudar aqueles estado de coisas, não é?”

“ Aos dezesseis anos comecei a trabalhar na fábrica. De manhã eu entrei na fábrica e à tarde eu já fui ao sindicato fazer minha filiação. Impulsionado por aquelas idéias de meu pai”

“ Depois de minha adesão ao partido eu tive grandes mestres que me introduziram na compreensão mais precisa do marxismo. O Ziller ,o Anélio Marques....Dimas Perrin, o Augusto Gilberti ,um comunista histórico de São Paulo, Roberto Magnoni. Minha escola de marxismo foi o partido. Minha compreensão do socialismo científico se deu pela ajuda de meus companheiros e dirigentes.”

Anélio Marques, fundador do Sindicato Mineiro de Nova Lima, entrou para o Partido Comunista em 1932. Nessa ocasião o partido ainda não estava organizado na cidade, mas os comunistas que ali habitavam eram inúmeros. Suas ações junto ao sindicato e a comunidade local desdobraram-se ao longo do tempo constituindo-se como marca da história da cidade.

“ Eu fui introduzido no Partido junto com outros dois companheiros, o Pedro Pinto Carneiro, que trabalhava na carpintaria da Morro Velho, e o Geraldo de Souza,

que trabalhava na Mina Grande. Nós vivíamos discutindo, um pouco sem rumo, sobre as injustiças do mundo, os comunistas perceberam nossa preocupação e me deram um livro chamado Dicionário das Questões Sociais para ler. Depois eles falaram que para entender o que estava escrito no livro era preciso organizar um partido de trabalhadores. Um partido para defender os interesses dos trabalhadores. Aí eu peguei o Pedro Carneiro, peguei o Geraldo de Souza e fizemos a primeira reunião do Partido. Foi em 1932.”

Dimas Perrin, militante do Sindicato dos Gráficos, chegou ao Partido Comunista pelas mãos de amigos que eram militantes do Partido e que insistiam em lhe afirmar a necessidade de construção de um mundo mais solidário.

“Meu primeiro contato com o comunismo se deu quando eu tinha dezesseis anos através de dois colegas gráficos, o Nelson Cordeiro e o Rossini. Os dois eram comunistas conhecidos mesmo. O Nelson Cordeiro me falou o seguinte. A solução para livrar o mundo da injustiça é a mudança de regime e isso nós vamos conseguir com a revolução socialista...”

Os dois começaram a fazer minha cabeça, comecei a frequentar o sindicato... Depois eu fui apresentado ao Fernando Lucena, um comunista pernambucano que veio para Belo Horizonte e que entendia tudo sobre marxismo. Eu fui a uma reunião promovida por ele na qual ele falou poucas palavras, mas eu me lembro nitidamente do que ele disse: - A nossa luta se baseia muito na solidariedade mútua e universal. Nós temos que ser unidos. Nós não temos dinheiro, não temos nada, só temos a convicção de nossos ideais. Nós temos que ser solidários uns com os outros e nós brasileiros com nossos irmãos do resto do mundo. Aquilo eu gravei, eu fiquei firme com aquilo. Nunca mais afastei-me dessas convicções.”

Evaristo Garcia, que aderiu ao partido quando era jovem e morava em Cataguases, no interior do estado de Minas Gerais, teve seus primeiros contatos com militantes do PCB quando conseguiu emprego como vendedor de livros. Buscava os livros no Rio de Janeiro e os vendia em sua cidade.

“ Eu precisava de emprego e aí fui trabalhar nesse negócio de comissário, de venda de livros do Editorial Vitória. Eles me davam 20% de comissão. Na editora eu tive contato com os primeiros comunistas que eu conheci. E as pessoas que encomendavam os livros eram comunistas também. Quando eles começaram a comprar livros na minha mão era conversa a noite toda, o dia inteiro. Eu chegava, trazia o livro, entrava e batia papo. Eles estavam fazendo a minha cabeça. Acabei entrando para uma célula do PCB”

“ Como eu já era preocupado com o setor da justiça aquilo veio a calhar. Eu por alguma razão condenava a injustiça que existia no sistema capitalista, que era selvagem mesmo. Eu queria acabar com a fome, reformar o mundo.”

Alguns conteúdos comuns dos fragmentos de depoimentos acima citados evidenciam que a identificação prévia com os valores da solidariedade e justiça social motivou os depoentes a se aproximarem do PCB. Tais valores foram posteriormente retrabalhados à luz da teoria marxista, mas continuaram a prevalecer como eixo norteador central de sua militância junto ao partido.

Ser visionário, ser utópico, ser solidário: ser comunista

Entranhado na identidade comunista, o conceito de solidariedade pode, portanto, ser identificado tanto como um fator expressivo de agregação partidária como de fortalecimento da representação que os comunistas têm de si próprios. Dulce Pandolfi, afirma que *“em geral o sentimento de pertencer a um partido comunista é tão forte que, diante desse fato, todos os demais pertencimentos tornam-se menores.”* (PANDOLFI, 1995, p.37) E pertencer a um partido comunista significa, antes de tudo, *para os próprios comunistas*, ter um espírito visionário e compartilhar sentimentos projetivos de renovação do mundo através da implementação da justiça social e da solidariedade para com a humanidade em geral e para com os operários e camponeses em particular.

A memória de ex militantes do Partido Comunista Brasileiro, residentes no estado de Minas Gerais, encontra-se povoada por sentimentos de pertencimento a um partido que tinha na projeção de um futuro alternativo ao presente sua principal característica. Movidos

pela utopia de construção de um futuro igualitário para a sociedade humana, os comunistas abdicavam de interesses pessoais para participar da luta pelo futuro. Não de seu futuro como indivíduos, mas sim, do futuro da humanidade como um todo.

Inserida nesta perspectiva de transformação da realidade, a representação (auto - imagem) dos comunistas sobre si mesmos inclui, além dos aspectos acima expostos, uma série de outros valores afei-tos ao predomínio do valor solidariedade. Dentre eles destacam-se, de acordo com Pandolfi, o despreendimento, o heroísmo e a abdição.

Tais qualidades são identificadas como necessárias a uma postura revolucionária, através da qual os valores coletivos devem se sobrepor aos individuais. Na verdade, o que sempre orientou a ação dos comunistas, segundo os depoimentos colhidos, é a luta contra a opressão. E o que levou-os a integrarem-se a essa luta foram razões - ainda que primeiramente intuitivas - segundo as quais somente a ação coletiva, estimulada pela solidariedade, poderia levar à superação das injustiças peculiares ao capitalismo.

Sem terem conhecimento profundo ou mesmo alguma iniciação à teoria marxista, esses comunistas do estado de Minas Gerais, ao ingressarem no partido, mesmo que através de "vias tortas", como a leitura da bíblia e da encíclica *Mater Et Magistra*, compartilharam o forte sentimento de se tornarem sujeitos da história. A data ou ocasião de entrada no partido é identificada por todos eles como um momento especial, pelo qual se constituíam em sujeitos ativos nas lutas pelas transformações sociais, econômicas e políticas de seu tempo e, portanto, do futuro da humanidade.

Pandolfi, ao analisar o perfil e valores dos comunistas, atenta, com pertinência, para a data de seu ingresso na militância partidária, identificando que, para muitos dos militantes esta ocasião foi sempre especial - se não sagrada - representando uma guinada nas suas vidas e simbolizando uma possibilidade real de libertação. Ilustrou sua análise com uma afirmativa do militante Pedro Sabarábussu, publicada pelo jornal *O País*, de 1923. As palavras de Sabarábussu, abaixo reproduzidas, ecoaram e se reproduziram como emoções fortes comuns a todos que posteriormente aderiram à causa comunista. Para eles, a entrada no partido, como demonstram os depoimentos que subsidiam este texto, representou sua libertação.

"O dia de adesão de um proletário ao Partido comunista deve ser considerado por ele um dia sagrado; é o dia da sua libertação moral e mental, o dia em que começa a dedicar-se à causa mais digna dentre todas as que agitaram a humanidade....."

Tal causa é a da luta revolucionária, transformadora do mundo, através da qual o futuro utópico pode se converter em realidade. Aliás, a noção de tempo para os comunistas é caracterizada por um significado muito especial, pois para eles, com certeza, o presente contém o futuro. Em decorrência desse fator, a necessidade de despreendimento no presente não é identificada como um sacrifício inútil, mas sim, como uma ação construtora da libertação.

Se para o marxismo que é filho do iluminismo o futuro da humanidade depende da capacidade do homem compreender o mundo para controlá-lo racionalmente, para os militantes comunistas sua adesão ao partido comunista se deu não pelo predomínio da razão pura, mas sim por uma crença intuitiva nos valores da solidariedade social. Somente algum tempo após sua adesão à militância partidária é que a teoria marxista lhes seria apresentada de forma sistemática. Portanto, o aprendizado desse conjunto teórico decorreria, predominantemente, não das motivações racionais que comumente estimulam o conhecimento, mas sim de uma intuição segundo a qual o caminho para um mundo mais justo lhes poderia também ser apresentado pela teoria marxista e pela militância partidária.

Belo Horizonte, Brasil, fevereiro de 1998

Bibliografia

- GUARINELLO, Noberto Luís. *Memória coletiva e História Científica*
In:..Revista Brasileira de História. vol 15, nº 28. São Paulo, ANPUH-
Marco Zero, 1995.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, Editora Unicamp,
1990.
- NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*.
In: Projeto História (10). São Paulo, PUC-SP, 1993.
- PANDOLFI, Dulci. *Camaradas e Companheiros - História e Memória
do PCB*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado - História Oral*. São Paulo,
Paz e Terra, 1992.